

"ECOS DE UMA CAMPANHA CIVICA"

Major *EMANUEL DE MORAES*

O Brasil é um país digno de ser percorrido e observado, pela multiplicidade dos seus aspectos geográficos.

Detentor de regiões privilegiadas, onde os vales, muitas vezes, se completam contornando maciços gigantescos, possui quase todos os climas que facilitam a vida das populações que se caldeiam numa edificante redenção de raças.

O sul do Brasil é bem diferente do norte sob todos os pontos de vista.

Se apreciarmos a geografia física e a geografia humana de um modo geral, e em particular a morfologia do terreno e a variedade étnica, concluiremos da influência climática ou melhor das latitudes.

Ouvimos dizer, não raras vezes, "que o sul civiliza e o norte nacionaliza". Desfazendo o conceito que desejam formar do setentrião brasileiro com a veracidade dessa sentença, encontramos a maior justificativa na orientação dada à política colonizadora. Se o Norte recebeu o influxo do velho lusitano que aqui semeou todas as suas virtudes, mesclando-se admiravelmente com os nativos da jovem Terra de Santa Cruz, no Sul predominou o outro caldeamento racial. Se no Norte as características foram profundamente indígenas, no Sul, a migração criou vários problemas, o do regionalismo, o da multiplicação dos quistos raciais que vieram fazer de perto periclitir nossa unidade.

Motivos de ordem moral inibem nossos comentários sobre os erros dos nossos dirigentes passados. Os fatos vividos há

mais de um lustro, desde que começou a tragédia nazista, são de moldes convincentes.

Todo nosso altiplano, abaixo do trópico de Capricornio, recebeu colonos de regiões longínquas, de todas as línguas e de vários credos. Em São Paulo, sem mencionar o velho tronco português, italianos e japoneses constituíram o contingente mais robusto. No Paraná, proliferaram polacos, italianos, alemães, russos, suíços e outros provindo dos povos asiáticos. Em Santa Catarina, os alemães tiveram a preeminência e em proporções reduzidas, italianos e polacos.

No Rio Grande do Sul, alemães, italianos, etc.

Em mais de meio século de luta surda e subterrânea, percentagem numerosa da nossa população autóctone não resistiu à perniciosa ação catalítica desses grupos humanos fortes e disciplinados, que traziam outros costumes e outra cultura.

Se uns se deixaram assimilar, outros reagiram e criaram um estado permanente de vigília e reação, informando os altos poderes da República da desnacionalização reinante nesses rincões percorridos pelos bandeirantes, farroupilhas e republicanos.

As colônias foram transformadas em quistos, verdadeiras fortalezas raciais, onde só eram bem recebidos os elementos provindos da mesma etnia.

Infensas ao caldeamento, vimos crescer cidades que não tinham aparência das nossas, parecendo, que foram plantadas neste hemisfério para garantir pretensões futuras. Muitas providências foram adotadas para desfazer essa manifestação de ecologia híbrida.

E' de justiça, entretanto, não obumbrar o trabalho desses colonos em vastas extensões no sul. Se palmilharmos todo o tiplano que se levanta desde o Paraiba do Sul até o Jacuí, na terra gaúcha, e das nuvens mirarmos os encantadores vales, como o do Itajaí, só podemos cantar lóas aos que tiveram a sorte de nascer aqui e muito cedo pertenceram à comunhão brasileira. Viana Moog, festejado escritor que no interessante enredo do romance intitulado "Um rio imita o Reno", estabele-

ceu confrontos entre jovens de raças diferentes, deu a entender que podemos conhecer perfeitamente cidades e gente alemãs, e manifestação do espírito teuto, visitando o vale de Itajaí e outras regiões do Sul do Brasil.

Viana Moog foi feliz nas suas asserções, porque são de mais conhecidas as prósperas cidades de Blumenau, Brusque, Joinville, Nova Hamburgo, São Leopoldo, municípios e distritos como Hansa, Hamônia, Nova Breslau, Nova Stetin, Nova Dantzig e uma infinidade de outras cuja toponímia obedece hoje ás exigências nacionais.

Os anos passaram céleres e no bôjo dos navios germânicos chegaram cargas vultosas, da agulha à locomotiva, da máquina de costura à mais complicada maquinaria para tecelagem, da pequena instalação metalúrgica à complexa usina siderúrgica. As industrias cresceram e o Sul floresceu.

Navios de guerra, depois de longos cruzeiros, aportavam a São Francisco, e marinheiros alemães espalhavam-se pelas colonias, recebidos pelas familias que os hospedavam com festas e honrarias, homenageados pelas moças com os requintes próprios do sexo.

A arte alemã, nessas ocasiões, tinha sua natural expansão, vitalizada pelo nóvo influxo, vindo de além-mar. Era triste ver essas cenas se reproduzirem em uma terra tão diferente da Europa . . .

Felicamente, no ano de 1937, na capital paranaense vimos o começo do fim.

Curitiba é uma das cidades mais belas do Brasil. Plantada na Serra do Mar, a quasi mil metros de altitude, entre as duas grandes metropoles São Paulo e Porto Alegre, é uma colmeia de trabalho que se mira nos dois centros sulinos.

Cidade nova, deixando de ser pequena para ser grande, é uma transição onde já desponta a vida das cidades que se desvencilharam dos preconceitos da rotina e emancipou-se para pertencer às mais adiantadas e progressistas. Sua gente é alegre, ativa, dinamica e hõa.

Seus cento e cinquenta mil habitantes são oriundos da miscigenação de polacos, alemães, italianos, que alteraram em parte as características da gente do planalto paranaense.

Curitiba, à primeira vista, parece um centro cosmopolita. Muitos hotéis, onde os hospedes têm costumes europeus, o que não é para admirar, pela quantidade de viajantes que se cruzam uns em demanda do Norte, outros a procura do Sul.

Suas sociedades esportivas, beneficentes, culturais, ostentavam nomes arrevezados, indicando os grupos a que serviam. Não eram só alemães, existiam também os poloneses, italianos, reunindo-se êstes dentro dos proprios consulados. Curitiba é uma cidade de muitos e bons collegios. A juventude é uma das mais formosas. Os moços curitibanos gozam de fama em todo o país.

No ano de 1937, os partidos politicos tinham um ambiente propício em todos os Estados do Sul. As sédes das organizações nazistas, facistas, polacas, eram suntuosas, seus dirigentes distribuïam dinheiro em profusão, a propaganda era um fato e a atividade politica era um rito.

Esse estado de cousas exigia uma reação, um remédio que fizesse estancar a desnacionalização dos nossos jovens brasileiros, muitos de "quatro costados", que eram envolvidos nessa trama sinistra e diabolica, pelo simples fato de terem olhos azues, cabelos louros e um nome carregado de W e de K.

Aproximava-se o 7 de setembro. O comando da Região Militar e a Interventoria Federal prepararam grandes festas cívicas, vestibulo de um plano para destruir essa rêde, que mais tarde poderia atentar seriamente contra nossa soberania.

A parada militar, nêsse ano, foi uma das mais empolgantes. O desfile da juventude, que encerrou a brilhante cerimônia, veio alertar as altas autoridades do perigo iminente.

A praça Santos Andrade e as avenidas adjacentes estavam apinhadas.

A propaganda bem orientada trouxe à rua uma multidão incontavel. Indubitavelmente, tornou-se imperativo iniciar uma campanha civica que marcasse época nos anais de Curitiba.

Sob os acórdes das marchas guerreiras, todos os corpos da guarnição federal desfilarão com brilho invulgar. Em seguida, a juventude apontou elegante, marcial e bela. Qual a nossa surpresa, ao percorrermos com a vista a densa coluna que se estende até muito longe e notarmos drapejando no meio dos mocós bandeiras nazistas em profusão, numa flagrante competição pelo número e pelo tamanho!

Mocós nascidos aqui, netos e bisnetos de brasileiros de origem alemã, lá estavam alinhados como si fossem teutos. Constituiu êsse grupo a juventude nazista criada em todo o mundo, como se servisse no futuro para fundamentos do quinta-colunismo.

O povo não se cansava de aplaudir os colégios que marchavam aiosamente, concientes do tributo que prestavam à nossa magna data.

Nossa Bandeira, cada vez que passava, bem do alto, parecia empolgar pelas ovações que recebia de toda gente.

Eis que avançava aquela massa compacta de ambos os sexos, puxada por uma banda marcial, cujos tambores mediam mais de um metro e marcavam uma cadência própria dos cimbrios teutos, que enchia o ar de acórdes rústicos, que ressoavam aos nossos ouvidos como imprecações á nossa terra e a nossa gente.

Grande parte da assistência, perplexa, emudeceu. Notamos que, apesar de tudo, o povo soube discernir e estava capacitado para repelir afrontas dessa natureza.

As bandeiras nazistas não tiveram os aplausos da multidão, passaram sob olhares de dúvida e de repulsa.

A despeito das nossas relações amistosas com o govêrno alemão, a penetração nazista já se fazia sentir. O partido, matreiramente, apossou-se de todas as organizações alemãs que estavam no firme propósito de se conservarem alheias às transformações políticas.

E os brasileiros sinceros se prepararam para assistir a acontecimentos decisivos na nossa História.

O golpe de 10 de novembro, que derrubou todos os partidos indigenas e alienigenas, criou uma atmosfera de confiança. Nossas autoridades, principalmente, as militares, iniciaram a campanha nacionalizadora, que repercutiu em todo continente e mobilizou todo Brasil contra a penetração germânica e amarela.

Uma legislação adequada, forte mas justa, fez dissolver todos os núcleos que visavam agitar, dentro dos direitos dessas gentes, problemas considerados mínimos, como os da dupla nacionalidade, das duas linguas, dos dois antepassados, quando não fossem os das minorias raciais. Queriam efetivar a existência do teuto-brasileiro, italo-brasileiro, criando o luso-brasileiro, como se admitissemos duas mentalidades nacionais dentro de uma mesma Pátria. Foram muitos os voluntários que se ofereceram para essa campanha. Tocou-me de perto a parte da juventude.

Os representantes do Estado Alemão, que se confundiam com os agentes do partido, eram diplomatas, professores, pastores, como aconteceu com Von Cossel, que se aninhou na Embaixada Alemã, acobertado pelas imunidades, coordenando toda ação nefasta. O plano idealizado para mobilizar nossos jovens patricios contra nós, tinham ramificações por todo o continente e foi estudado de modo a não ficar uma cidade, uma zona rural que não possuísse uma séde, um campo de atividade, onde os jovens pudessem ser doutrinados pelos agentes da ideologia racista.

Usavam um uniforme em todo mundo e periodicamente reuniam-se à sombra da bandeira de Hitler para a prática do método de John e o culto exagerado dos antepassados teutônicos. Usavam o mesmo uniforme em todo mundo como simbolo da unidade hitlerista.

Os jovens, mais entusiastas, viajavam certa época do ano até Berlim, Stutegart ou outros centros de cultura germânica, onde faziam um estágio que os habilitava para o exercicio de condutores da juventude teuta. Os que voltavam proferiam com arrogância: teuto-brasileiros!

Ambos os sexos eram contemplados com êsses prêmios de viagem. As moças destinavam-se aos jardins de infância, que se multiplicavam por vários recantos do país.

O mais, todos conhecem pelo que nos contam os livros já publicados.

O exmo. sr. general Meira de Vasconcelos, então comandante da 5.^a R. M., soube encarar êsse problema.

Não quis deixar essa gente sem as suas sociedades, onde pudesse manifestar seus sentimentos de gratidão, substituindo-os por novas organizações brasileiras de tiro, recreativas, culturais, sem falar nas numerosas "deutch sholl" (escolas alemãs), que foram substituídas, tarefas que coube aos interventores federais. Planificou inteligentemente, de acôrdo com os Estados interessados, toda ação da qual faço pequenas referências. Fechados os núcleos da juventude nazista, a Região fez criar a Federação de Escoteiros do Paraná e Santa Catarina. O Escotismo, universalmente aceito, combatido pelos países totalitários, iria prestar um relevante serviço a nossa causa. Sistema de educação que se impôs no nosso meio, como um complemento à a ação do lar e da escola, tomou uma coloração profundamente patriótica.

O Escotismo passou a colaborar na nacionalização dos jovens que nasceram nesta abençoada terra. E se foi pensado, foi melhor executado.

Os jovens que passavam 24 horas na convivência diferente da nossa porque viviam no lar alemão, escola alemã, igreja alemã e núcleos nazistas, passaram a viver 7 horas no meio brasileiro, somente o tempo da escola, da igreja e da séde dos escoteiros, dirigidos por militares e civis abnegados.

A transformação operada no fim do segundo foi sensível. Viagens ao Rio, ao Sul, excursões e "ajuris" se encarregaram de mostrar aos jovens que estavam divorciados da coletividade brasileira, o valor do nosso povo e as nossas possibilidades futuras. Queríamos extirpar-lhe os complexos que seus velhos

ancestrais possuíram os quais Ludwig descreve muito bem, e mesclá-los com outros troncos raciais aqui já nacionalizados há seculos, integrando-os na grande comunhão e coletividade brasileira.

E não somos os únicos que se afligem com esses problemas, entretanto nós venceremos porque não alimentamos preconceitos e assimilamos os mais fortes, como provam as estatísticas. Venceremos. E' uma questão de tempo.

LUISI, IRMÃO & CIA.

CRUZ ALTA — Rio Grande do Sul — Brasil

Armazem de Secos e Molhados - Tintas - Ferragens - Louças - Artigos sanitarios - Produtos Nestle - Camas e Fogões "WALLIG"

1883
Galeria  Paulista
DE MODAS

Rua Direita, 162 a 190 - S. Paulo

ARTIGOS DE QUALIDADE

de acôrdo com a nossa
orientação de vendas
oferecemos por

PREÇOS BEM ACESSIVEIS